

Filosofia da natureza nos estóicos

Philosophy of nature in Stoicism

Reinholdo Aloysio Ullmann¹
filosofia-pg@pucls.br

RESUMO: O autor versa, neste artigo, alguns aspectos da filosofia da natureza do estoicismo, desde Zenon de Cítio, fundador da Filosofia do Pórtico, até ao imperador-filósofo, Marco Aurélio. Para os estóicos, a filosofia da natureza, numa visão global, inclui antropologia filosófica e filosofia da religião. Exposta, brevemente, a divisão e os principais representantes do Pórtico, o autor ocupa-se da intrigante questão, de permanente atualidade, também levantada pelos filósofos do estoicismo: o mundo é eterno ou não? A resposta bifurca-se em duas concepções diversas. Na apresentação dos quatro reinos da natureza vivente, Deus, que sinonimiza com *lógos*, não é esquecido. Ao mesmo passo, numa perspectiva holística, ao estoicismo é atribuído o epíteto de monoteísta. Da existência de um Deus que é Pai dá-nos testemunho o famoso hino de Cleantes a Zeus. Enfatizada é a *sympátheia tôn hólôn*, que remonta a Heráclito. Ela nos apresenta o cosmo como um grande corpo em que tudo interage. Sobre a *ekpýrôsis* ou conflagração universal o autor faz considerações a respeito do eterno retorno, sem vislumbre de transcendência. Também ao inexorável *fatum* é dedicada uma referência vinculada à liberdade interior proclamada pelos estóicos. Ao término, são apresentadas breves considerações a respeito da atualidade da filosofia estóica.

Palavras-chave: filosofia da natureza, *lógos*, *sympátheia tôn hólôn*, destino, conflagração universal.

ABSTRACT: In this paper the author discusses some aspects of the philosophy of nature of the Stoicism, from Zeno of Citium, the founder of the *Stoa poikilê*, to Marc Aurel, philosopher and emperor. In a holistic view, the stoics included philosophical anthropology and philosophy of religion in the philosophy of nature. After a brief exposition of the parts of the *Stoa*, also studied by Stoicism's representatives, the author deals with the permanent question, also present in Stoicism's philosophy: the eternity of the world. There are two possible answers for this question. In the presentation of the hierarchy of the beings, God, also named *lógos*, is not forgotten. At the same time Stoicism is considered monotheist. The famous hymn of Cleanthes to Zeus testifies the existence of one God whom he humbly calls Father. The *sympátheia tôn hólôn* is emphasized and lets us see the cosmos as a body with its interaction in the members. The universal

¹ Faculdade de Filosofia – PUCRS.

conflagration is also emphasized in connection with the eternal return, without a hope of transcendence. Another subject of study is also the complex problem of fate related with the free will. At the end, brief considerations are presented about the actuality of Stoicism's philosophy.

Key words: philosophy of nature, *lógos*, *sympátheia tôn hólôn*, fate, universal conflagration.

Introdução

Objeto deste artigo é a filosofia da natureza na visão do estoicismo. Serão abordados alguns tópicos essenciais do tema epigrafado.

A filosofia da natureza deve começar pela análise daquilo que representa o dado fundamental da consciência do ser humano: ser ou estar-no-mundo. Com efeito, o homem não é um ser solitário nem pode refugiar-se no solipsismo, porquanto vive no mundo com outros e lhe é parte integrante, pois não é só espírito mas também matéria, não somente pensante, mas igualmente corpo vivente e sensível. Ele tem algo em comum com o reino vegetal e animal, porém distingue-se deles por sua dimensão espiritual. Por conseqüência, uma visão integral do ser humano não pode prescindir de uma filosofia do mundo em que está situado e do qual é participante. Como eu, ele vive no mundo com os outros em íntima relação e recíproco influxo que os estóicos denominaram *sympátheia tôn hólôn*. Foi Posidônio² quem observou atentamente a interconexão de todas as coisas e a enfatizou. Atribui-se a Heráclito f. 67a (Os Pensadores Originários, 1991) a idéia da "simpatia" (*syn + páschein*) entre todas as coisas.

A filosofia da natureza ou do mundo constitui a fase inicial da reflexão filosófica. Por isso, Aristóteles chama os primeiros filósofos de *physikoí*. Na segunda fase, voltam-se os pensadores à mente, à interioridade, sem, contudo, esquecer o mundo circundante. Aliás, todos os grandes sistemas antigos, medievais, modernos e contemporâneos sempre incluem em seus tratados filosóficos a natureza como parte essencial, a par da antropologia filosófica e da filosofia da religião.

O estoicismo e sua divisão

Contrariamente ao que se verifica em outros países, no Brasil passa-se por alto este importante período do pensamento humano, cuja influência na história é inegável.

A origem da palavra estoicismo radica no termo grego *stoá poikílê*, cujo significado é *pórtico multicolorido*. Costumava Zenon de Cítio (336-264 a.C.) lecionar junto aos pórticos marmóreos de Atenas, derivando daí o nome estoicismo ou filosofia do Pórtico.

Divide-se em três fases a filosofia estóica:

1. Estoicismo primitivo ou antigo, com seus três representantes – Zenon, Cleantes e Crisipo;
2. Estoicismo médio, no qual se destacam Panécio e Posidônio;

² Posidônio (135-51 a.C.) é um filósofo renomado, cientista e historiador. De suas numerosas obras restam apenas fragmentos. Situa-se no Pórtico médio. Deve-se a Posidônio um destaque importante à *sympátheia* reinante em a natureza. Cícero e Sêneca inspiraram-se nele.

3. Estoicismo romano, com Sêneca, Musônio Rufo, Epicteto e Marco Aurélio.

Cada um dos pensadores citados possui uma visão de mundo pessoal, sem afastar-se do núcleo central da orientação geral da Escola estóica – a ética! Na medida em que expusermos a filosofia da natureza do estoicismo, será feita, se necessário, alusão aos pensadores assinalados.

O mundo é eterno?

Cercados da natureza, viram os estóicos a transitoriedade dos entes, desde a natureza inanimada até ao homem. Foi sempre assim, eternamente? A resposta bifurca-se numa distinção salomônica: o mundo é eterno, se, com isso, entendemos a substância do mundo; tem início e perecerá, se considerarmos as *ekpýrôseis* ou conflagrações do mundo sobre as quais teceremos comentários a seguir.

Zenon de Cítio³ não aceita a tese autenticamente grega, isto é, a da Academia e do Perípatos, a qual professa a eternidade do mundo. Eterno é somente o *lógos* que sinonimiza com Deus. Panécio e Posidônio proclamaram ser o mundo eterno.

Do sentimento de evanescência da vida e das coisas, Marco Aurélio colhe esta lição: “A vida humana tem a duração de um átimo” [...] “a fortuna é incerta”. “A glória póstuma é incerta” (Marc-Aurèle, 1964, II, p. 48).

Apesar dessa divergência fundamental dos dois Pórticos, para o estoicismo, o mundo é único, limitado, esférico. Essa mundividência difere do epicurismo, o qual afirma existirem infinitos mundos.

Os quatro reinos da natureza

Na Epístola 124, 14, (Sêneca, 1998, p. 538) escalona o mundo em quatro reinos ou naturezas viventes, além da matéria inerte. Leiamos o texto senequiano:

Existem as seguintes quatro naturezas: a das árvores, a dos animais, a do homem e a de Deus. As duas – homem e Deus – são racionais e possuem idêntica natureza; no entanto, distinguem-se, pois uma é imortal (Deus), a outra mortal.

O absolutamente perfeito é Deus, o qual encerra toda a perfeição da natureza, integralmente. E a natureza, em sua integridade, é racional. Todo o resto caracteriza-se como relativamente perfeito, ou seja, cada ser em seu grau distingue-se por um traço de perfeição.

Os quatro graus citados podem reduzir-se a dois: Deus e o homem racional, ocupando o vértice; e o grau inferior abrangendo os seres irracionais.

Impende observar que o grau inferior tem uma perfeição a qual se completa com o imediatamente superior. Da terra em que estão arraigadas nutrem-se as plantas. Os animais buscam, por si mesmos, o alimento e a subsistência. No homem, chegam à sua máxima perfeição as tendências da vida animal coroada pela razão.

Na perspectiva estóica, se o animal, para se manter vivo, tem que respirar e obtém seu alimento do ar, da água e da terra, então deve existir, nesses elementos, uma parcela de vida.

³ Conquanto seja o fundador do estoicismo, cujo *télos*, pelo assim dizer, cifra-se na ética, suas idéias são destoantes da posterior doutrina estóica. Condenava o matrimônio como contrário à natureza, não via nada de anormal no incesto nem considerava antinatural comer carne humana, inclusive a dos pais e irmãos (Fraile, 1956, p. 579). Talvez não teria sobrevivido o estoicismo, se não fosse Crisipo, como costumava dizer-se: “Se não fosse Crisipo, não existiria a *estoá*” (Pohlenz, 1984, p. 301). Foi Crisipo quem imprimiu as linhas mestras ao estoicismo.

O homem pode ser dito uma síntese real e intencional do universo: real, porque nele estão presentes o reino mineral, vegetal e animal; intencional, porque, pelo poder de abstração, tudo logra sumariar no conceito de ser do qual nada fica excluído e ao qual nada pode subtrair-se.

Não fica cingida ao mundo material a cosmovisão estoíca. A partir dos entes no mundo, o ser humano eleva-se a Deus, ao *Lógos*. “Se um ser vivo é melhor do que o outro, então tem que existir um (ser) que é o melhor. É impossível proceder infinitamente [*processus in infinitum*]. [...] O que é perfeito e o melhor é superior ao homem, repleto de todas as virtudes e imune de todo o mal. Isto é idêntico a Deus. Logo, Deus existe” (Sandbach, 1989, p. 69-70). Fácil é de ver-se que o argumento aduzido por Sandbach praticamente se identifica com a via da perfeição do aquinate. No mesmo plano que Deus é posto o nome *Lógos*.

Diversas razões aponta Cleanthes (331-232 a.C.) que teriam levado os homens a crer em Deus: os bens da natureza presenteados aos homens, o sentimento de medo ante as tempestades⁴, os raios, os terremotos, a regularidade dos movimentos dos corpos celestes, a harmonia e a beleza do universo, o consenso universal, que também Epicuro (341-270 a.C.) apresenta (Sandbach, 1989, p. 70).

Retornando à palavra *lógos*, mister se faz dizer que ela é empregada para mais de vinte significados (Bailly, 1950, p. 1200-1201). Torna-se, assim, uma palavra perigosa para os filósofos.

Para Epicteto (50-138) (Marc-Aurèle, 1964), *lógos* significa palavra divina e humana. Nem todos os estoícos chegaram a essa conclusão. Não raro, são acoimados de panteístas, por não ser transcendente o *lógos*, mas imanente ao mundo (Pohlenz, 1984, p. 187). Não apresenta forma antropomórfica. Tal julgamento não é de todo correto. Predomina, entre os estoícos, a idéia de monoteísmo⁵. Há, pois, uma só divindade, o que não tira que sejam tidas como divindades as manifestações visíveis, no mundo, do único ser primeiro. Por isso, Tales de Mileto podia dizer: “Tudo está cheio de deuses”.

Quem traçou uma linha ontológica de separação entre Deus e o mundo foi Cleanthes com seu famoso hino, do qual citamos alguns passos.

Sumo onipotente Deus de muitos nomes,
Zeus, senhor da natureza, tu que governas o todo de acordo com a lei, salve! Teu é o cosmo que gira em torno da Terra [...]. Nada há na Terra que se subtraia à tua divindade, nada no reino do éter nem nas ondas do mar. [...] Por isso, ó Zeus, imensamente bom, em meio às nuvens escuras,
Senhor do raio fulgente, sê benévolo conosco teus filhos!
Espanca também, ó PAI, de nossa alma a escuridão de nossa estultícia!
(Pohlenz, 1984, p. 109-110)

Este é o único texto da Antiguidade que invoca Zeus como Pai. Homero chama Zeus de “pai dos deuses e dos homens”, como simples referência, sem envolvimento afetivo.

O *lógos* perpassa tudo, por isso o mundo é animado. Em outras palavras, nada sem vida e razão pode gerar um ser vivo e seres racionais; ora, o mundo gera seres vivos e racionais; logo, o mundo é vivo e possui razão.

Ao lado da elevada concepção moral dos estoícos, que, aliás, os caracteriza, as referências à natureza e seu aspecto etiológico apresentam pontos de vista inte-

⁴ Muito antes dos estoícos, já Demócrito havia proclamado: “*Primos in orbe timor fecit deos*”.

⁵ “So braucht uns die Theologie der Stoiker nicht zu befremden. *Ihre Grundhaltung ist durchaus monotheistisch*” (Pohlenz, 1984, p. 96, grifo meu).

ressantes. Vão aqui alguns exemplos que denotam o esforço intelectual para explicar os fenômenos naturais bem como o espírito de observação.

- a) O tempo é incorpóreo e é o intervalo do movimento dos corpos. Nisso coincidem com a definição de Aristóteles. O passado e o futuro são infinitos, o presente é limitado.
 - b) Os terremotos nada mais são do que doenças do globo terrestre.
 - c) O cosmo tem figura esferoidal, pois é a mais adequada ao movimento; fora do cosmo há o vazio ilimitado, que, por certo, é incorpóreo e, por isso, capaz de receber corpos. É a definição de espaço, engendrada pelo estagirita (*spatium est capacitas recipiendi corpora*).
 - d) O relâmpago é inflamação de nuvens que se entrecrocaram; trovão é o ruído em consequência da colisão.
 - e) Granizo é nuvem gelada desintegrada pelo vento.
 - f) O cosmo é um *continuum*, caracterizado por uma singular *sympátheia tôn hólôn*. Isso significa que tudo está interligado por uma maravilhosa lei de afinidade e com recíproco nexos de causalidade.
 - g) A Terra, corpo minúsculo, ocupa o centro do universo, o que significa proclamar o geocentrismo.
- Poder-se-iam multiplicar os exemplos.

A *sympátheia tôn hólôn*

Esta expressão encontra-se em germe em Heráclito (544-484 a.C.), fragmento 67a (Os Pensadores Originários, 1991). Para os estóicos, as coisas são partes de um grande organismo. Tal como no corpo humano toda modificação num membro é sentida em todos os outros, assim também no cosmo existe recíproca inter-relação. Isso traz à mente os ecossistemas, nos quais se percebem os mútuos influxos. Lembra, por igual, a fábula de Menênio Agripa⁶. Essa fábula foi engendrada por Menênio Agripa, em 494 a.C., para convencer os plebeus de que sua revolta contra os políticos redundaria em prejuízo deles próprios. Por outra, numa sociedade humana, há diversas classes, com diferentes funções, todas elas contribuindo para o funcionamento solidário do todo. Também na poesia, encontramos expressa a idéia da *sympátheia*⁷.

No cosmo, verifica-se um nexos inviolável das causas, que leva o nome de *heimarmênê*. Tudo transcorre numa seqüência implacável, não havendo, pois, acaso. Assim sendo, pela adivinhação, pode-se prever o futuro, porque os eventos futuros estão fixados necessariamente.

A conflagração universal

Na filosofia da natureza, faz parte do núcleo das idéias do estoicismo a *ekpýrôsis*, isto é, a conflagração universal. Em que consiste esse fenômeno?

⁶ Um dia, os membros do corpo humano irritaram-se, porque o estômago preguiçoso e voraz descansa no corpo como a parte em torno da qual tudo gira e que só se mantém em virtude do serviço das demais partes do corpo. Estas conspiraram contra o estômago, fazendo greve, não mais lhe oferecendo alimentos e, para assim, conscientizá-lo de sua total dependência. A consequência dessa greve sem demora fez-se sentir: todos os membros entraram em extrema fraqueza. Com isso, evidenciou-se ter o estômago uma importância imprescindível na distribuição alimentar pelo corpo (Strieder, 1975, p. 328, nota 130).

⁷ São do poeta Francis Thompson os belos versos que transcrevemos: "*Toutes choses/ Proches ou lointaines/ D'une manière cachée/ Sont liées les unes aux autres/ Par une puissance immortelle/ En sort que vous ne pouvez pas cueillir une fleur/ Sans déranger une étoile*" (Hadot, 1997, p. 158).

Julgavam Sêneca (4-65) e Marco Aurélio (121-180) (*in* Sandbach, 1989, p. 79) que o mundo seria todo consumido por fogo e que esse processo se repetiria ciclicamente, num eterno retorno. Segundo essa concepção, o mundo seria, após cada catástrofe, refeito por Zeus, o que significa que o mundo não é eterno. Atribui-se a causa das conflagrações ao fato de que, desaparecida a umidade, a Terra não poderia alimentar-se nem poderia retornar o ar⁸.

Uma transformação em convulsão catastrófica, semelhante à *ekpýrôsis* estoíca, é-nos apresentada pelo profeta Joel, 2,11 (Joel, 1981), o qual viveu pouco antes de Zenon de Cítio. Eis o texto parafraseado: "Ante sua face (de Javé) se destruirá a Terra, comover-se-á o céu, o Sol e a Lua escurecerão e os astros ocultarão seu esplendor. O Senhor fez ouvir a sua voz ante a face do seu exército. [...] O dia do Senhor é terrivelmente esplendoroso e quem lhe poderá resistir?"

É evidente a diferença entre a concepção estoíca e judaica. Esta resulta numa escatologia definitiva, após a catástrofe única e universal; aquela revive, em ciclos de tempos, sempre iguais, eternamente. Semelha um tentame de superar a imanência por uma falsa transcendência. Não é isso algo sem sentido?⁹

Em vez de admitir o incêndio universal, o estoicismo médio propõe grandes dilúvios periódicos, a destruição dos valores culturais e o começo de novos períodos da cultura. Essa idéia tem origem platônica (Platon, 1977, *Leis* 677 a-b; *Timeu* 22a ss.). Alguns núcleos insignificantes de homens sobreviveram, porque habitavam o cimo das montanhas. O terror da catástrofe causou tão profunda impressão que desapareceram as contendas e inimizades anteriores e deram lugar a um sentimento de solidariedade, base das futuras instituições sociais.

O *fatum*

Crêem os estoícos que o mundo e todos os acontecimentos são inteiramente determinados por Deus, o qual é identificável com natureza, destino, providência, *prónoia*. Esta é da essência de Deus, como o branco inere à neve. Deus executa metodicamente os planos previstos. A palavra *fatum* é latina e significa dito. Provém do verbo *fari*, que significa dizer. O que Zeus ou os deuses dizem é levado a cabo inexoravelmente e alcança seu escopo. A natureza nada faz sem *télos*. E as catástrofes, que sentido têm? Em sendo elas gerais, atingindo os homens, v.g., terremotos, é necessário pensar que a providência os envia, tendo em consideração a totalidade do mundo, como castigo ou purificação. Por isso, não deve ser motivo de revolta, se também inocentes são atingidos.

A crença de que todos os eventos na vida humana e na própria natureza estão predeterminados levou os homens a profetizar, recorrendo, de modo especial, à astrologia. Objetivo importante da astrologia era evitar reações emocionais ante o mal; prevendo-o, os impactos por ele provocados eram mais facilmente aceitos.

Não há que confundir predição com magia. Esta visa a dobrar a vontade de Deus à dos homens. Pelo contrário, mister se torna internalizar o *amor fati*, expresso, magistralmente, nestas frases vigentes entre os estoícos: *volentem fata ducunt, nolentem trahunt* (Sêneca, 1998, p. 390). Em tradução mais livre, o texto significa: ao que voluntariamente se submete ao fado este o conduzirá; quem se lhe opõe, o fado o arrasta.

De imediato, surge a pergunta: Como conciliar a liberdade com o *fatum*, a *heimarménê*, o destino?

⁸ Cícero, (1962, p.118) escreve: "[...] *quum humore consumpto neque terra ali posset nec remearet aër*".

⁹ Nietzsche afirma que não tem sentido aceitar esse *amor fati*. O eterno retorno, representando uma "necessidade irracional" (*eine unvernünftige Notwendigkeit*), "é a mais extrema forma de nihilismo" (*die extremste Form des Nihilismus*) (Lotz, 1953, p. 48-49).

Conhecida é a genial comparação engenhada para explicar a liberdade humana: se um cãozinho, atado por um laço a um carro, acompanha-o, sem oposição, ele é levado sem revolta e faz o que quer; ao mesmo tempo, executa aquilo a que é forçado; não querendo seguir, será levado à força, arrastado. O mesmo sucede com o homem: se não quer obedecer, será forçado a fazer o que o destino lhe preparou.

Ao que se vê, teoricamente é difícil conciliar o destino com a liberdade. Entretanto, vêm-nos à mente as célebres palavras do hino de Cleantes a Zeus, onde é relevada a liberdade humana nestes termos: “Só o mal que os homens praticam o fazem por sua estultícia”. O livre-arbítrio é expresso pela palavra grega *prohaíresis*.

Considerações finais

Na imensidão do espaço e do tempo do universo, o homem semelha um grão de poeira ou uma luzinha bruxuleante, cujo brilho é fugaz. No entanto, com a luz do *lógos*, procura o ser humano desvendar o universo que o cerca.

Com os conhecimentos da época, respeitantes ao universo, os estóicos não apenas se ocuparam do cosmo material; numa visão holística, estenderam seu olhar para horizontes mais amplos, declarando que são cidadãos do mundo.

Os estóicos mostraram-se conscientes do fato de que nenhum ser vive a sós, mas que faz parte de um todo, imerso na *sympátheia tôn hólôn*. Os estóicos não se prenderam à *physis* dos pré-socráticos. Viram-na animada pelo *lógos*, ao mesmo tempo transcendente e imanente. Por isso, vêem também no homem algo sagrado – *homo res sacra homini*.

Subtraem-se ao *fatum*, proclamando a liberdade. Os pensamentos aqui semeados, sobre tangerem alguns pontos pinaculares a respeito do estoicismo, balizam tópicos que, ainda hoje, constituem preocupações aos homens em busca da razão de ser de sua vida. O que deve relevar-se é que os representantes do Pórtico, com sua visão perpassada de espiritualidade, dão uma lição valiosa aos descrentes e materialistas de nosso tempo.

Referências

- BAILLY, A. 1950. *Dictionnaire grec-français*. 16ª ed., Paris, Hachette, 2230 p.
- CICERO. 1962. *De natura rerum*. Paris, Gallimard, 570 p.
- FRAILE, G. 1956. *Historia de la Filosofía I*. Madrid, BAC, 839 p.
- HADOT, P. 1997. *La citadelle intérieure. Introduction à la pensée de Marc-Aurèle*. Paris, Fayard, 386 p.
- JOEL. 1981. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Edições Paulinas, 1663 p.
- LOTZ, J. 1953. *Zwischen Seligkeit und Verdammnis*. Frankfurt am Main, Verlag Josef Knecht, 75 p.
- MARC-AURÈLE. 1964. *Pensées pour moi-même suivies du Manuel d'Épictète*. Paris, Flammarion, Paris, Flammarion, livro II, n. 17, 248 p.
- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. 1991. *Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis, Vozes, 93 p.
- POHLENZ, M. 1984. *Die Stoa. Geschichte einer geistigen Bewegung*. 6ª ed., Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 490 p.
- PLATON. 1977. *Gesetze; Timaios*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Band 8/2, 564 p.
- SANDBACH, F.H. 1989. *The Stoics*. 2ª ed., Worcester, The Brill Press, 190 p.
- SÊNECA. 1998. *Epístola 107*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 641 p.
- STRIEDER, I. R. 1975. *Die Bewertung der Leiblichkeit in den Hauptbriefen des Apostels Paulus und in seiner Kulturwelt*. Münster in Westfalen, Universität Münster, 440 p.